

---

## CRÍTICA À ARGUMENTAÇÃO DE LORENZ PUNTEL CONTRA A DIALÉTICA HEGELIANA

ANDRÉ H. RODRIGUES <sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo responde às críticas de Lorenz Puntel à dialética hegeliana, à qual alega ser ininteligível por envolver regressão infinita, ausência de metanível metodológico e uso arbitrário da negatividade. Sustenta-se que essas objeções decorrem de uma leitura externalista, incompatível com a autorreferência própria do método especulativo de Hegel. Reinterpreta-se o processo dialético como convergente, autolegítimo e produtivamente contraditório. Com base em nosso sistema formal, centrado na função  $\Phi$ , no critério de convergência  $\text{Conv}\Phi$  e na identidade autocontraditada  $A \rightleftharpoons A$ , demonstramos que a dialética pode ser reconstruída com precisão lógica, sem perda de seu dinamismo conceitual.

**Palavras-chave:** Dialética hegeliana; Lorenz Puntel; Crítica; Metalógica; Negação; Identidade; Lógica; Metafísica.

**Abstract:** This paper addresses Lorenz Puntel's criticisms of Hegelian dialectics, which claim it is unintelligible due to infinite regression, lack of a methodological meta-level, and arbitrary use of negativity. We argue that these objections stem from an externalist reading incompatible with the self-referential nature of Hegel's speculative method. The dialectical process is reinterpreted as convergent, self-legitimizing, and productively contradictory. Using our formal system, centered on the iterative function  $\Phi$ , the convergence criterion  $\text{Conv}\Phi$ , and the self-contradicted identity  $A \rightleftharpoons A$ , we demonstrate that dialectics can be rigorously reconstructed without losing its conceptual dynamism.

**Keywords:** Hegelian Dialectics; Lorenz Puntel; Critique; Metalogic; Negation; Identity; Logic; Metaphysics.

### I. INTRODUÇÃO

Lorenz Bruno Puntel, no ensaio “*É possível aclarar o conceito de dialética em Hegel?*” (In: PUNTEL, Lorenz Bruno. Em *Busca do Objeto e do Estatuto Teórico da Filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica*. São Leopoldo: UNISINOS, 2010, pp. 220-227), sustenta que o procedimento dialético hegeliano

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito, Especialista em Direito Processual Civil, Pesquisador Independente de Filosofia (ênfase em Metafísica, Epistemologia e Lógica). Email: via-pensamento@outlook.com.

seria, em última instância, ininteligível. Sua crítica apoia-se em três argumentos: (i) o mecanismo da negação levaria a uma regressão infinita, de sorte que nenhuma síntese obteria estabilidade; (ii) a progressão dialética careceria de um metanível metodológico capaz de legitimar-lhe o curso, tornando obscuro o estatuto lógico dos “momentos estruturais” abrangentes; (iii) a negatividade mesma seria ou “abstrata” (isto é, vazia de determinação) ou externamente imposta, o que a transformaria num expediente arbitrário.

O presente estudo persegue um duplo intento: primeiro, mostrar em detalhe por que as objeções de Puntel resultam de uma leitura externalista que não respeita o princípio de autorreferência imanente próprio da *Wissenschaft der Logik*; segundo, evidenciar como o nosso Sistema, articulado em torno da função iterativa  $\Phi$ , do critério de convergência tensional  $\text{Conv}\Phi$  e do princípio da identidade autocontraditada ( $A \rightleftharpoons A$ ), fornece um aparato lógico-metafísico que formaliza, sem subtrair a seu dinamismo, os mecanismos dialéticos hegelianos. A estratégia expositiva será tripla: (1) exposição da objeção; (2) reconstrução técnica do motivo hegeliano que lhe responde; (3) correspondência e aprofundamento no interior do nosso arcabouço teórico.

## I. A QUESTÃO DA REGRESSÃO INFINITA

Puntel sustenta que, se cada determinação nega-se no passo seguinte, abre-se uma cadeia interminável de autonegações (*Selbst-Verneinungen*) que nunca alcança ponto de repouso. A dialética degeneraria então em *regressus ad infinitum*, comprometendo a própria noção de síntese.

Todavia, Hegel distingue com rigor, já nos §§ 91-97 da *Wissenschaft der Logik* (WL I, 1, B), a *abstrakte Negation*, simples aniquilamento externo, da *bestimmende Negation*, negação qualificante, que conserva (*Aufbewahren*) ao mesmo tempo que supera (*Aufheben*) o momento antecedente. Esse duplo gesto é condensado na categoria da “*Aufhebung*”, cujo conteúdo semântico (suprimir / elevar / conservar) indica precisamente a reconfiguração do positivo no interior do negativo. Assim, a transição “qualidade  $\rightarrow$  quantidade  $\rightarrow$  medida” não instaura uma série divergente, mas um acréscimo cumulativo de sentido: cada termo absorve e reajusta a estrutura do precedente, ao passo que o Absoluto (*das Absolute*) não é uma resultante ulterior, mas a totalidade concreta dessas mediações sucessivas (*Vollendung*), entendida como saturação interna do processo, não como ponto extrínseco de chegada.

O trabalho hermenêutico de Stephen Houlgate <sup>2</sup> deixa evidente que o “infinito” (*Unendlich*) de Hegel não coincide com a infinitude quantitativa moderna: o procedimento dialético, enquanto *Selbst-Bewegung des Begriffs*, é internamente fechado; cada “avanço” é, simultaneamente, recapitulação do caminho percorrido.

Lemos em Houlgate:

“Das Bild des Progresses ins Unendliche ist die gerade Linie, an deren beiden Grenzen nur das Unendliche [ist] und immer nur ist, wo sie — und sie ist Dasein — nicht ist, und die zu diesem ihrem Nichtdasein, d. i. ins Unbestimmte hinausgeht, als wahrhafte Unendlichkeit, in sich zurückgebogen, wird deren Bild der Kreis, die sich erreicht habende Linie, die geschlossen und ganz gegenwärtig ist, ohne Anfangspunkt und Ende.

Die wahrhafte Unendlichkeit so überhaupt als Dasein, das als affirmativ gegen die abstrakte Negation gesetzt ist, ist die Realität in höherem Sinn als die früher einfach bestimmte; sie hat hier einen konkreten Inhalt erhalten. Das Endliche ist nicht das Reale, sondern das Unendliche. So wird die Realität weiter als das Wesen, der Begriff, die Idee usf. Bestimmt.”

(Trad.: “A imagem do progresso rumo ao infinito é a linha reta, nos dois extremos da qual o infinito apenas é, e sempre apenas é onde a linha — que é o ser determinado — não está, e que se estende além, até essa negação de seu ser determinado, isto é, até o indeterminado; a imagem do verdadeiro infinito, curvando-se de volta sobre si mesmo, torna-se o círculo, a linha que alcançou a si mesma, que está fechada e plenamente presente, sem começo nem fim.

O verdadeiro infinito, tomado assim de modo geral como ser determinado posicionado como afirmativo em contraste com a negação abstrata, é realidade em um sentido mais elevado do que a realidade anterior, que era simplesmente determinada; pois aqui adquiriu um conteúdo concreto. Não é o finito que é o real, mas o infinito. Assim, a realidade é ulteriormente determinada como essência, conceito (*Begriff*), ideia, e assim por diante. É, no entanto, supérfluo repetir uma categoria anterior, mais abstrata, como a realidade, em conexão com categorias mais concretas, e empregá-la para determinações.”). <sup>3</sup>

O núcleo da objeção de Puntel é que o movimento dialético, ao negar incessantemente cada determinação, desembocaria numa sequência interminável (*regressus ad infinitum*) que jamais chega a uma síntese estável. O trecho citado mostra justamente por que essa leitura é equivocada, distinguindo entre dois

---

<sup>2</sup> HOULGATE, Stephen. *The Opening of Hegel's Logic: from being to infinity*. 1st ed. Purdue University series in the history of philosophy. West Lafayette, Indiana: Purdue University Press, 2006.

<sup>3</sup> Ibidem, pp. 256-258.

tipos radicalmente diferentes de “infinito” e, assim, desmontando o diagnóstico de regressão: (a) Linha reta (mau infinito/*schlechte Unendlichkeit*) – representa o “progresso rumo ao infinito” que Puntel tem em mente: um avançar sempre além do ponto presente, onde o infinito só “está” fora (nos extremos que nunca são alcançados). Essa figura, entende Hegel, ainda é dependente do finito, pois cada novo ponto da linha é apenas mais um finito que remete a outro além, e assim por diante; e (b) Círculo (verdadeiro infinito/*wahre Unendlichkeit*) – simboliza a volta do movimento sobre si mesmo. A linha “alcança a si própria”, fecha-se, e o que era mero avançar indeterminado converte-se em totalidade presente sem início nem fim. Aqui, o infinito já não é exterior ao finito, mas inclui e supera cada determinação dentro de uma estrutura que as conserva (*Aufhebung*).

Logo, o que Puntel chama de “regressão infinita” corresponde, na lógica hegeliana, ao mau infinito. Mas esse “infinito de linha reta” não é o método dialético propriamente dito; é o alvo de crítica de Hegel. A dialética autêntica já contém o momento de retorno que converte a série indefinida em totalidade circular, de modo que não há regressão divergente, mas convergência autocontida. Ademais, o texto explicita que o verdadeiro infinito é “ser posicionado como negação da negação”, sendo que a primeira negação desfaz o finito determinado, e a segunda negação (negação da negação) transforma essa ruptura em afirmação positiva (ser-para-si), internalizando a diferença em uma unidade superior. Assim, cada passo dialético não cancela simplesmente o anterior nem lança o sistema num vazio além; ele recolhe o resultado e o reinscreve na totalidade emergente. Desse modo, a progressão ganha conteúdo concreto (“realidade em sentido mais elevado”) e avança por integração cumulativa, não por fuga indefinida.

O finito subsiste apenas como momento internalizado; ele perde o estatuto de polo autônomo que, se mantido, forçaria o pensamento a saltar para outro finito e assim por diante (a linha reta). O infinito verdadeiro é a própria estrutura que contém todos esses momentos, e por isso é presente (“está aí”) em vez de permanecer num “além” inalcançável. Para Puntel, a falta de um ponto de chegada externo equivale a ausência de síntese. Para Hegel, o ponto de chegada está dentro do processo, porque o processo se fecha em círculo; a síntese não é extrínseca, mas imanente.

Em suma: a dialética contém uma crítica interna ao mau infinito (linha reta); logo, a acusação de regressão mira um alvo que Hegel já rejeita. Além disso, o verdadeiro infinito dialético é autolimitador e autossuficiente (círculo), no qual cada negação se resolve numa totalidade que retém e supera, prevenindo divergência. Ainda: a síntese se dá no próprio movimento, pelo que a negação da negação gera o ser-para-si, fornecendo o “ponto de repouso” que Puntel reclama, só que como momento interno, não como metanível externo. Portanto, longe de

promover uma regressão infinita, o método hegeliano formaliza a superação dessa regressão. Puntel interpreta o caminho apenas até a primeira negação (linha reta) e toma-o por inteiro; Hegel prossegue até a segunda negação, fecha o círculo e mostra que o infinito genuíno é totalização convergente, não dispersão indefinida.

- ADENDO: Formalização no Sistema Metafísico-Estrutural

Em nosso Sistema, a função  $\Phi: \mathcal{E} \rightarrow \mathcal{E}$  (agindo sobre a classe das expressões tensionalmente qualificadas) é aplicada iterativamente:  $\Phi^n(A)$ ,  $n \in \mathbb{N}$ . Introduzimos, então, uma métrica tensional  $\nabla \rightarrow 0$  ( $d_T$ ), pela qual se resume o caminho da tensão à estabilização: (1) A realidade emerge sob a forma de tensão ( $\nabla$ ), (2) é iterada e dinamizada por uma estrutura interna de diferenciação ( $\rightarrow$ ), e (3) tende a uma configuração estabilizada (0), sem anular a contradição, mas reinscrevendo-a estruturalmente: é o ponto  $\Phi^\infty(A)$  da função  $\Phi$ , tal que

$$\forall \epsilon > 0, \exists N \in \mathbb{N} (n, m > N \Rightarrow d_T(\Phi^n(A), \Phi^m(A)) < \epsilon), \text{ definindo o critério } \text{Conv}\Phi.$$

Demonstra-se que toda sequência  $\{\Phi^n(A)\}$  converge em  $d_T$  para  $\Phi^\infty(A)$ . Dessa maneira, o “infinito” que Puntel denuncia equivale, em nosso formalismo, a um limite convergente regido por condições explícitas de estabilização meta-metalógica. O método hegeliano é aqui reputado convergente por construção, não pela postulação metafísica de um término, mas pela determinação funcional do espaço tensional onde a iteração sucede.

## II. A AUSÊNCIA DE METANÍVEL E A AUTORREFERÊNCIA DO *BEGRIFF*

Outra das críticas levantadas por Puntel contra a dialética hegeliana é a aparente falta de um nível metateórico externo que legitime o percurso dialético, especialmente no que tange aos “momentos estruturais” fundamentais como Ser, Essência e Conceito. A objeção implica que, sem tal metanível externo, a dialética careceria de fundamento metodológico sólido, tornando-se um processo arbitrário e autoindulgente.

Contudo, Hegel explicita que seu método é um, podemos dizer, *selbst-einsetzendes und fortschreitendes Tun*, um agir que se põe a si mesmo em movimento e prossegue por si próprio. Essa característica indica que a legitimação do desenvolvimento dialético não provém de um pressuposto externo ou transcendental, mas emerge do próprio conteúdo, que gera e determina a forma de

seu próprio desdobramento. Em termos técnicos, o metanível é endógeno, imanente ao sistema, dado que o *Begriff* (Conceito) não é mero conteúdo passivo, mas sujeito ativo de seu movimento autorreferente. Essa autorreferência não deve ser confundida com um círculo vicioso ou com uma regressão infinita. Antes, caracteriza uma auto-fundação reflexiva na qual o conceito se sustenta e se desdobra a partir de sua própria estrutura interna, garantindo a consistência e a racionalidade do processo. É, portanto, uma autorreferência construtiva e dinâmica, que se diferencia da circularidade defeituosa justamente por sua capacidade de produzir novidade e progresso cumulativo.

Portanto, nunca é demais enfatizar que a dialética não depende de um metanível externo para legitimar seu desenvolvimento; ao contrário, seu progresso é um movimento autônomo e auto-fundado, que se realiza no interior do próprio sistema conceitual. Assim, a ausência de um nível externo não implica arbitrariedade ou falta de fundamento; pelo contrário, a dialética hegeliana é uma racionalidade autorreferencial estruturada, onde os “momentos estruturais” (Ser, Essência, Conceito) não são pressupostos arbitrários, mas categorias que emergem e se definem recursivamente dentro do desenvolvimento do pensamento. O que parece ser uma lacuna, ou uma falta de fundamentação externa, é justamente a expressão do que Hegel chama de “autoposição” do conceito (*Begriff*), que é ao mesmo tempo sujeito e objeto do movimento dialético. Esta é uma característica da razão que se esclarece a si mesma em seu próprio desenvolvimento, uma razão que não necessita de fundamento externo porque se constitui como um processo auto-legitimador. Tal autorreferência não resulta em circularidade viciosa, mas compreende uma forma de auto-fundação reflexiva, um salto para a autodeterminação do sistema. Os momentos estruturais são, portanto, momentos de um processo dinâmico e reflexivo que se explicam e se justificam mutuamente, configurando uma totalidade integrada.

Hegel, ademais, ao menos é nossa suspeita, responderia que a exigência de um nível metodológico externo, ou de um “aclaramento” dos metaconceitos utilizados, contrariaria o princípio especulativo de que forma e conteúdo são cooriginários. Desde o Prefácio da *Phänomenologie des Geistes*, sabemos que “a verdade é o todo” (*das Wahre ist das Ganze*), mas devemos considerar também que o todo se aperfeiçoa e se revela mediante seu próprio desenvolvimento.

No nosso Sistema, a função iterativa  $\Phi$  assume precisamente esse papel estrutural integrativo.  $\Phi$  não se ancora em um nível externo; ao contrário, ela se funda iterativamente dentro da sua própria categoria no sistema, formalizando a autorreferência hegeliana. Todavia, para garantir rigor metodológico e evitar ambiguidades, introduzimos um critério explícito de estabilidade e convergência, denominado  $\text{Con}\Phi$ . Essa condição formal, ausente de formulação explícita em Hegel, é o que permite que a iteração da função  $\Phi$  se legitime e se estabilize, prevenindo o colapso do sistema em regressões infinitas ou arbitrariedades. Em outras palavras, nossa metalógica explícita e formaliza a condição tácita do “Conceito hegeliano”, tornando possível uma análise metateórica rigorosa da autorreferência dialética. Isso permite afirmar que o metanível é, no nosso sistema, um elemento formal e verificável (meta-metalógica), integrado ao movimento do sistema e responsável pela sua auto-legitimação dinâmica e estrutural.

Essa definição não cria um ponto de vista metateórico externo, mas opera internamente ao sistema:  $\text{Con}\Phi$  atua como um filtro estrutural que restringe a iteração da função  $\Phi$  apenas aos elementos cujo comportamento pode ser demonstrado como convergente. Em vez de julgar o sistema de fora, o próprio sistema se autoavalia por meio de seus critérios formais, assegurando transparência procedimental sem comprometer a autorreferencialidade dinâmica que o constitui. Do ponto de vista categorial, pode-se dizer que  $\text{Con}\Phi$  determina uma subcategoria refletiva de  $(\mathcal{E}, \Phi)$ , i.e., ela seleciona, no interior da categoria  $\mathcal{E}$  (de expressões tensionalmente qualificadas sob  $\Phi$ ), uma classe estável de objetos cujos desenvolvimentos são logicamente controláveis. Assim, o que em Hegel permanece como força imanente do *Begriff*, aqui é elevado à condição de elemento formalmente identificável: o “metanível” não é transcendente ao sistema, mas endógeno, explícito no vocabulário operacional do próprio sistema, oferecendo-se uma formalização rigorosa da legitimidade interna do percurso tensional, evitando tanto a regressão cega quanto a arbitrariedade externa, reforçando a estrutura lógica e ontológica do sistema tornando-se metaestabilizada, autovalidante e formalmente completa em sua autoreflexividade iterativa.

### III. A “NEGATIVIDADE ABSTRATA” E NÃO CONCLUDÊNCIA

Uma das críticas tradicionais à dialética hegeliana, notadamente levantada por autores como Lorenz Puntel, sustenta que o processo de autonegação, enquanto determinação fundamental, não seria concludente. Tal crítica argumenta que a “negatividade abstrata”, entendida como uma negação genérica e não especificada, é ininteligível, obscurecendo o processo dialético e reduzindo-o a um movimento vago e indefinido. Ademais, considera-se arbitrária a interpretação da

negação como fator que se impõe “de fora”, como uma instância externa à determinação negada, o que comprometeria a coerência interna do método.

Contudo, para compreender a verdadeira natureza da negação na dialética, é imperativo afastar-se dessa concepção abstrata e superficial de negatividade. Hegel não pensa a negação como simples ausência, subtração ou destruição do positivo; ela é, antes, uma determinação específica e construtiva, a negação determinante/determinada (*bestimmende Negation*). Isto é, a negação opera sempre de modo particular, pois implica que o que é negado contém, em si mesmo, uma contradição interna que justifica e impele sua superação. Tomemos, por exemplo, a relação entre o finito e o infinito. O finito não é simplesmente um limite externo que se opõe ao infinito como algo estranho ou transcendente; ao delimitar-se, o finito refere-se intrinsecamente ao infinito que o ultrapassa. Essa referência não é uma adição exterior, mas uma manifestação da própria estrutura do finito, um momento negativo que revela seu vínculo com o que está além dele mesmo. A negação, portanto, não vem de fora, mas emerge imanentemente das determinações internas do conceito em questão.

A acusação concernente à “negatividade abstrata” somente se sustenta se isolarmos a negação de sua função no processo dialético total. Quando a negação é integrada na estrutura tripartite da dialética (tese, antítese e síntese), ela se mostra produtiva e determinante. A negação não destrói para anular, mas transforma para conservar e transcender. Cada momento negado é retido e superado na síntese, garantindo que o processo seja conclusivo e progressivo. Assim, a dialética hegeliana supera a limitação do negativo abstrato, revelando uma dinâmica na qual a negação é sempre particular, interna e produtiva, garantindo que o movimento não seja arbitrário, mas que desenvolva a realidade de modo coerente e necessário. A crítica de que a autonegação não é concludente falha por não reconhecer a especificidade e o caráter integrativo da negação no contexto dialético.

#### IV. CONCLUSÃO

Os três argumentos críticos apresentados por Puntel (regressão infinita, carência de metanível e negatividade não concludente), provêm de um paradigma de inteligibilidade que pressupõe exterioridade fundante, finalismo extrínseco e inadmissão da contradição interna. Quando reconduzimos a leitura ao terreno especulativo próprio de Hegel, onde a totalidade é simultaneamente ponto de partida virtual e resultado efetivo, vemos que o alegado “infinito regressivo” é, em verdade, infinito convergente (num círculo); que a ausência de instância externa é preterida em favor de uma legitimação autoreflexiva; e que a negatividade

transmuta-se em produção concreta de determinação na conclusão de cada etapa do mecanismo dialético.

A implicação filosófica maior dessas reflexões, segundo cremos, é que a dialética hegeliana permanece não apenas inteligível, mas fecunda, desde que seja interpretada sob a chave da autorreferência produtiva e acompanhada de um trabalho conceitual que torne produtivo o seu processo. Nossa pontual divergência com relação a Puntel exposta aqui, portanto, não encerra a candente discussão sobre a dialética; antes, (re)inaugura um estágio de aprofundamento em que o rigor formal e a riqueza histórico-sistemática se entrelaçam para relançar, no seu limite, a questão hegeliana fundamental, qual seja, *Was ist das Absolute?*, agora num novo quadro teórico à altura das exigências filosóficas do nosso tempo.

## REFERÊNCIAS

HOULGATE, Stephen. *The Opening of Hegel's Logic: from being to infinity*. 1st ed. Purdue University series in the history of philosophy. West Lafayette, Indiana: Purdue University Press, 2006.

PUNTEL, Lorenz Bruno. *Em Busca do Objeto e do Estatuto Teórico da Filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica*. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.